



c. i. salvaro

é preciso confrontar as imagens vagas com os gestos claro

Na história do cinema, talvez seja possível costurar uma linha tênue, desde George Méliés até Jean-Luc Godard, passando por Dziga Vertov, a qual sugere sutilmente uma pergunta: É possível que uma câmera revele o que está atrás de si? Trata-se de uma incumbência complicada, que pode ganhar ares de armadilha. Por exemplo, quando o cineasta aparece em cena, ele mostra o que deveria estar atrás da câmera e, como o mágico que mostra que sua caixa está vazia, faz uma promessa de sinceridade. Mas em seguida o cinegrafista desliga a câmera e o cineasta leva o filme, ou o vídeo, para a sala de montagem, voltando a aparecer, como por mágica, atrás das máquinas de imagens. Por analogia, todo esforço de revelar o reverso do dispositivo expográfico - o atrás de sua arquitetura física, fenomenológica e institucional - demonstra-se uma missão fadada a fugir de si mesma. Tal inflexão é o ponto de partida da obra de Cleverson Salvaro, artista interessado em abrir frestas na convenção dos espaços expositivos, visando revelar o tecido interno de suas estruturas. Para tanto, o artista literalmente corta painéis e paredes de museus, constrói arquiteturas cenográficas brancas e sinuosas para depois revelar seu verso cru e recortado e anuncia greves hipotéticas de equipes museológicas.

No campo da literatura, há outro autor fascinado com a possibilidade de encontrar frestas para o reverso de sua arte. Júlio Cortázar dedica grande parte de seu Jogo da Amarelinha a busca de Horácio por uma espécie de corte, o qual em princípio parece ser uma ruptura no cotidiano, mas vai se tornando claramente uma abertura na própria literatura. Seu dilema é saber que a fissura da literatura não pode vir senão da própria literatura, que o tecido do rasgo é também uma forma de costura. Assim é também com a obra de Cleverson, que procura o delicado equilíbrio em que um buraco na parede possa ter também a presença de uma obra de arte, sendo, ainda assim, uma interrupção no contínuo da arte. Para “É preciso...”, Cleverson irá acrescentar uma pele plástica à arquitetura da galeria da Oswald de Andrade, revestindo-a a fim de fazer emergir e proliferar algo que nasce por atrás da pátina de tinta acrílica branca que reveste o espaço. Sua intervenção será uma espécie de estufa para a infiltração de água que se insinua em partes da galeria, a qual garante a proteção desse fenômeno do ímpeto de maquiagem que rege os lugares da arte e, ao mesmo tempo, incita a proliferação de fungos e formas de vida usualmente indesejadas na face do dispositivo expográfico.

// **Paulo Miyada, 2012** - exposição realizada na Oficina Cultural Oswald de Andrade